DESOBEDIENCIA EPISTEMICA

1. Ângelo de Oliveira França Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Filosofia , Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: angelo_kaimbe@hotmail.com
2. Laurenio Leite Sombra Orientador, Departamento Ciências Humanas e Filosofia , Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lausombra@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade, descolonização e conhecimento.

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade existem assuntos que precisam ser mais bem digeridos a fim de problematizar várias incoerências históricas e sociais produzidas no período colonial. Esse período ficou fortemente marcado pelas desigualdades existentes. Um dos meios pelos quais essa condição desigual se dava situava-se principalmente na questão racial à qual os sujeitos não europeus foram postos em lugar hierárquico de inferioridade (QUIJANO, 2005).

É importante destacar que os povos resistem de maneira firme as intervenções feitas por grupos hegemônicos. Após a busca inicial por entender os processos de *resistência* dos povos, começam a surgir outras necessidades, como a de combater as formas de opressão simbólica a qual esses povos subalternizados sofriam. Sendo assim, a resistência assume uma nova roupagem, onde os grupos passam a tentar combater o poder simbólico dos colonizadores e não apenas o seu poder bélico e econômico. É através desse momento que se inicia uma caminhada mais ampla de resistência, onde os sujeitos subalternizados não aceitam a condição de inferioridade que lhes é imposta, entendendo que a suas formas de organização sociais são importantes e devem ser reconhecidas.

Sendo assim faremos aqui um caminho que vai em busca de entender como é possível uma *desobediência epistêmica* e também como ela se dá em um cenário tenso de enfrentamentos, resistências e também de negociações de sentidos. Discutiremos a questão da desobediência enquanto reação nesse processo de tentativa de subalternização descrito acima. Buscaremos em seguida entender as condições de possibilidades para trilhar um caminho descolonizador.

Para construir conceitualmente esse caminho, utilizaremos pensadores latinos-

americanos que trabalham pensamentos descoloniais. Dentre eles podemos destacar Anibal Quijano e Walter Mignolo. Em um primeiro momento, analisaremos o conceito de *colonialidade do poder* desenvolvido por Anibal Quijano, que aponta para um modelo político-ideológico de manutenção do poder, assim como as formas de atuação deste modelo enquanto representação de posições hierárquicas.

Em seguida, discutiremos o conceito de *diferença colonial*, fundado por Walter Mignolo, que pensa as disputas existentes entre os sujeitos hegemônicos e os sujeitos excluídos socialmente. O conceito de *pensamento liminar*, produto dessas disputas entre poder hegemônico e contra hegemônico, também se apresenta indispensável em nossa investigação. Através dele podemos entender melhor como se constitui o processo de desobediência epistêmica. Entender os conceitos acima citados é essencial para a nossa investigação, justamente por fazerem um caminho que percorre os diversos momentos das relações de poder existentes.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi uma investigação minuciosa dos conceitos dos autores, fazendo leituras e fichamentos. Após a leitura atenta de cada item, foi selecionado as partes mais importantes para o desenvolvimento do artigo final que foi nosso desejo. Após a leitura dos artigos e desenvolvimento dos conceitos aplicados à necessidade de compreender os movimentos de resistência e de se obediência epistêmica, inicia a busca por alinhar todos os resultados das leituras, esse que é o processo mais complexo da pesquisa. As condições para a realização da pesquisa forma boas, orientações semanais e troca de ideias fora desses espaços, além do suporte dos encontros do grupo de pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Fizemos um caminho detalhado analisando conceitos indispensáveis para a nossa investigação. Inicialmente analisamos o *colonialidade do poder* de Quijano, que está fixado em três campos importantes: o campo da identidade, o campo epistêmico e também o econômico, todos eles articulados entre si. Cada um desses acaba afetando os sujeitos em diferentes níveis.

O primeiro campo da colonialidade do poder, a *identidade*, tem papel fundamental. O seu forjamento pressupõe cargas intensas de valoração de certos grupos e desvalorização de outros. As hierarquizações se constituem de diversas formas. O

segundo campo da colonialidade do poder, o *epistêmico*, se apresenta como um dos mais essenciais enquanto meio para manutenção do sistema hegemônico vigente. A produção de conhecimento que está associada a cada grupo é uma das principais formas de hierarquiza-los. O campo *econômico*, também presente na colonialidade do poder, está conectado com os outros dois, que ajudam na sua sustentação. As relações econômicas que se faziam presentes no período da colonização também afetaram de forma significativa os grupos excluídos.

Os grupos desprestigiados através da dimensão racial, étnica e epistêmica, também eram colocados de fora da participação dos lucros por eles mesmo produzidos. Os indígenas, os negros e outros segmentos sociais não europeus eram tidos com menor carga de valoração mediante o grupo da elite dominante.

Após esses passos iniciais chegamos à *diferença colonial* de Mignolo, este que é o um espaço ideológico de enfrentamento. Os grupos subalternizados enfrentam e resistem aos projetos globais que buscam universalizar os modos de ser e de entender o mundo. Diferentemente da colonialidade do poder, no conceito de diferença colonial começa a aparecer alguns sinais de resistência.

As tensões produzidas nesse enfrentamento podem propiciar o surgimento de sujeitos que pensem de uma forma incomum até então. Sujeitos que utilizam tanto conhecimentos associados ao pensamento hegemônico, como conhecimentos tradicionais de seu povo, que vivem no limite entre essas fronteiras de pensamento. Estes são os sujeitos com “pensamento liminar” (MIGNOLO, 2003).

A condição para viver o “pensamento liminar” é estar transitando entre dois universos distintos de pensamentos. Isso se caracteriza enquanto condição de fronteira. Nela, a todo o momento o sujeito estará sendo confrontado sobre quem ele é, sobre qual o seu lugar, sua identidade, acarretando uma série de situações conflitantes.

Esse sujeito dotado de pensamento liminar tem uma possibilidade grande de perceber as incoerências presentes em um suposto sistema perfeito e inquestionável. Estando nesse lugar, ele tem a possibilidade de desnaturalizar as desigualdades criadas e potencializadas ao longo da história. O que o autor Mignolo defende na sua busca por uma *desobediência epistêmica* é justamente oportunizar em outros sujeitos o poder de decidir sobre construções que os afetarão. Nesse sentido ele acredita que é importante a discussão de *identidade na política* (2008), pensando a identidade. É um conceito que não corresponde à valorização de uma identidade estática e pré-determinada, mas construídas e atualizadas no próprio processo de negociação que corresponde à atuação

política dos povos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho para construir possibilidades descoloniais do conhecimento e do poder está rodeado de desafios e de barreiras que se constituem ao longo da história para parecer intransponíveis. No entanto, ao analisarmos como esse processo foi forjado, através das classificações raciais, econômicas e epistêmicas, podemos perceber que o mesmo foi encoberto de incoerências internas. Esse projeto hegemônico mantém o seu alcance graças à difusão de tais ideias e também à conservação de um poder que vem desde a colônia, não em seu formato político, já superado, mas sim no formato epistêmico. Percorrer esse caminho requer que nos façamos desobedientes e não aceitemos as imposições. Esse movimento parte essencialmente de uma reorganização política, histórica e social, ampliando os horizontes do conhecimento, ao invés de reduzi-los a um canto do planeta.

REFERÊNCIAS

- MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MIGNOLO, Walter D. “Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política”. Tradução de Ângela Lopes Norte. *Cadernos de literatura UFF*, Dossiê: literatura, língua e identidade, nº34, p. 287-324, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, Eurocentrismo e a América Latina”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Ed. CLASCO, 2005.
- _____. “Colonialidade e modernidade-Racionalidade”. In: BONILLA, Heraclio (Org): *Os Conquistados: 1492 e a população indígena das Américas*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 2006.
- SOMBRA, Laurenio Leite. “Identidade dos sujeitos: linguagem, constituição de sentido e valor”. In: *Revista Sísifo*. Feira de Santana-BA, v. 1, n. 1, 2015a.
- _____. “O escândalo da política brasileira: o sentido da desigualdade”. In: *Revista Ideação*, 32, Julho/Dezembro 2015b. Feira de Santana-BA.